

A experiência do projeto Escola da Vez: multiletramento digital no ambiente escolar

Aplicaciones profesionales (consultorias, evaluaciones de programas y proyectos)

GT03- Produção, consumos culturais e Média

Michel Montandon de Oliveira
Camila do Carmo Said
Shirlei Rezende Sales

Resumo

O presente trabalho apresenta e discute possibilidades de atividades práticas de multiletramento digital na área de comunicação e linguagem no universo escolar, a partir de uma experiência prática com alunas/os de uma escola pública de ensino médio na cidade brasileira de Belo Horizonte. Tendo como referencial teórico os estudos culturais e estudos sobre as juventudes, o argumento desenvolvido é de que ao trabalharmos oficinas de produção audiovisual como ferramenta de comunicação entre a proposição do Portal EMDiálogo e o universo cultural dos jovens estudantes do ensino médio, poderemos levantar pistas de elementos que compõem a subjetividade juvenil, perceber a diversidade de visões de mundo que tangenciam o ambiente escolar e se apropriar de espaços dialógicos na escola.

Palavras-chaves: Juventude; Portal Emdialogo; Multiletramento

1. Introdução

Laboratórios de informática, projetores multimídias, lousa digital, câmeras de fotografia e filmagem, conexão a internet são equipamentos que fazem parte da infraestrutura de muitas escolas públicas de ensino médio brasileiras. Não obstante, o simples fato de essas escolas possuírem tal infraestrutura técnica não garante a apropriação e uso por parte do corpo docente e tão pouco pelos estudantes. É possível ainda encontrarmos escolas equipadas com laboratórios de informática que estão parados ou subutilizados. É a partir dessa constatação que apresentaremos e analisaremos, a partir de uma experiência prática com alunas/os de uma escola pública de ensino médio na cidade brasileira de Belo Horizonte, denominada “Escola da Vez”, uma metodologia de apropriação e uso criativo desses espaços técnicos, que visa estabelecer novas relações de linguagem entre os jovens e possibilitar uma experiência prática de interação e de produção de conteúdo no ambiente escolar. Antes, porém, é oportuno apresentarmos o contexto de trabalho no qual estamos inseridos.

O Observatório da Juventude da UFMG é um programa de ensino, pesquisa e extensão da Faculdade de Educação da UFMG. Está inserido no campo das políticas de ações afirmativas em torno da temática “educação e juventude”, realizando atividades de investigação, levantamento e disseminação de informações sobre a situação dos jovens da região metropolitana de Belo Horizonte, além promover o debate em torno desse universo. Desde o ano de 2002, o Observatório vem desenvolvendo diversos projetos relacionados à temática da juventude, com ações de pesquisa, ensino e extensão e formação e capacitação tanto com jovens, quanto com educadores e alunos dos cursos de graduação e pós-graduação da UFMG interessados na problemática juvenil.

Dentre esses projetos, encontra-se o Portal Ensino Médio EMDiálogo (www.emdialogo.uff.br), fruto da parceria do Observatório da Juventude da UFMG e do Observatório Jovem da UFF com a

Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. O EMdiálogo foi criado em 2009 para estimular o diálogo, articular parcerias e socializar conhecimentos e experiências que contribuam para a melhoria do ensino médio público. Como o nome já diz, este espaço tem como objetivo potencializar o diálogo de forma horizontal e transparente entre estudantes, professores, pesquisadores, comunidade escolar e demais interessados em contribuir para a construção de um ensino médio inclusivo e de qualidade.

O Portal é formado por comunidades temáticas¹ em torno de assuntos de interesse da juventude que possuem um caráter sócio-interacional, onde os usuários podem publicar textos, fotos, vídeos ou áudios sobre o ensino médio, envolvendo informações relacionadas às políticas públicas e aos sistemas educacionais, assim como ao dia-a-dia das escolas. Essas publicações são apenas o primeiro passo para o desenvolvimento do diálogo que também é possível com a participação dos usuários nos comentários e na repercussão das discussões nas redes sociais.

Para além do seu ambiente virtual, o EMdiálogo tem uma atuação prática e local², através do projeto “Escola da Vez”, com ações diretas em escolas públicas, potencializando o diálogo e promovendo a participação dos jovens estudantes nos debates acerca de temas que se relacionam imediatamente com o universo cultural juvenil, em articulação direta com a realidade do ensino médio no Brasil, buscando utilizar ferramentas disponibilizadas pelas tecnologias digitais e pelo ciberespaço.

O princípio do projeto é permitir que educandos do ensino médio participem do Portal fazendo uso da tecnologia de suas ferramentas como forma de diálogo entre as temáticas juvenis e assuntos referentes ao ensino médio, tornando-se assim uma fonte de informação e discussão. O projeto Escola da Vez busca criar uma experiência prática com jovens, estabelecendo novas relações de linguagem entre eles, tendo sempre como base de apoio o EMdiálogo enquanto instrumento de informação e discussão sobre as políticas públicas educacionais e demandas em relação ao ensino médio.

Em 2012, no seu terceiro ano de execução, pensando em promover uma atividade em que os jovens estudantes do ensino médio interagissem e participassem como produtores de conteúdos e diálogos mais perenes e reflexivos no Portal, o Escola da Vez buscou potencializar o olhar e a prática cotidianos, a partir de oficinas voltadas para a linguagem e técnicas de expressão. Mais especificamente, buscamos criar uma experiência prática com os jovens, a partir de oficinas relacionadas à experiência técnica com fotografia, produção textual e audiovisual, com o objetivo de produzir narrativas a partir das experiências dos próprios sujeitos, ancorados nas suas percepções em relação as suas condições de vida como jovens e como estudantes. Essas oficinas presenciais geraram duas proposições audiovisuais sobre o tema ‘Minha Vida Estudante’ que participaram do “Festival Nacional Imagens EMdiálogo”³, um festival online dedicado exclusivamente à produção dos alunos e alunas das escolas públicas de ensino médio em todo o Brasil.

Diante desse contexto é que o presente trabalho apresenta e discute possibilidades de atividades práticas de multiletramento digital na área de comunicação e linguagem no universo escolar e o argumento desenvolvido é de que ao trabalharmos oficinas de produção audiovisual como ferramenta

¹ Atualmente o Portal EMdiálogo contempla 39 comunidades temáticas.

² Vale ressaltar que essa atuação é desenvolvida pela Rede de Universidades EMdiálogo composta por oito universidades federais do Brasil: UFF; UFMG; UFC; UFPA; UFAM; UnB; UFSM; UFPR; UFSCar.

³ O Festival, promovido pelo Portal EMdiálogo, teve como proposta ampliar o debate sobre o envolvimento e o interesse do jovem com as atividades cotidianas vivenciadas na escola. Utilizando a produção audiovisual como ferramenta de comunicação entre a proposição do EMdiálogo e o universo dos estudantes, a iniciativa procurou lançar um olhar atento e curioso sobre as crescentes questões que envolvem a juventude e as suas diversas formas de ser e estar no mundo e, em especial, na escola.

de comunicação entre a proposição do EMdiálogo e o universo cultural dos jovens estudantes do ensino médio, poderemos levantar pistas de elementos que compõem a subjetividade juvenil, perceber a diversidade de visões de mundo que tangenciam o ambiente escolar e se apropriar de espaços dialógicos na escola.

2. Metodologia desenvolvida

A metodologia desenvolvida pela equipe EMdiálogo⁴ apresenta uma visão sistêmica do ambiente escolar e dos agentes que circulam neste ambiente, assim como a possibilidade de criação e fomentação de comunidades para além dos muros da escola. Esta metodologia foi desenvolvida como forma de apropriação e potencialização do Portal como ferramenta de articulação de redes e busca aproveitar as diversas formas de aprendizagem possíveis em uma sociedade informacional, sem desprezar a individualidade e a cultura local.

Para o desenvolvimento desta metodologia buscamos referência no conceito de multiletramento apresentado pelo grupo de pesquisadores norte americanos (The New London Group [GNL], 1996) no manifesto “*A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures*”. O manifesto sinaliza para a crescente intermediação tecnológica e de linguagens diversas que permeiam o universo jovem e a convergência destas tecnologias da comunicação e interação com a sala de aula.

O termo multiletramento diz respeito à necessidade das práticas escolares incorporarem os diversos tipos de letramentos presentes em nossa sociedade globalizada e culturalmente diversa. De acordo com Rojo (2012), o conceito de multiletramento dialoga com duas importantes características de nossa sociedade urbana e contemporânea, “a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meios dos quais ela se informa e se comunica” (p. 13). Outra referência são os “Jogos Midiáticos” sistematizados pela equipe da Associação Imagem Comunitária AIC (Lima, 2007). A metodologia de produção colaborativa e experimentação de linguagem, a partir dos “jogos midiáticos”, propõe a convergência entre educação e comunicação e a criação de “novas formas” de expressão estética e ação política. Nesta proposta metodológica, o lúdico, o processual e o dialógico são elementos para a constante (re)criação e (re)significação de espaços públicos. Segundo o texto, mídia-processo é: “a forma pelo qual os atores-sociais experimentam, apropriam-se e dão expressão aos seus sentimentos e ideias através da linguagem do audiovisual” (Lima, 2007 p. 40).

Esta é uma metodologia de abordagem macroscópica e, justamente por isso, possui diversas formas de ser aplicada, interpretada e mesmo hibridizada. São quatro etapas interdependentes, que podem ser conectadas a outras etapas, dependendo do caráter de cada ação. A partir dessas discussões e proposições apresentaremos e analisaremos a seguir os quatro passos da metodologia utilizada, a partir de uma experiência prática, no projeto *Escola da Vez*, que realizamos com jovens estudantes do primeiro e segundo anos de uma escola pública de ensino médio da zona norte de Belo Horizonte.

2.1. Mobilização para montar o grupo de trabalho

Inicialmente, apresentamos o Portal EMdiálogo a nove turmas do 1º ano e cinco turmas do 2º ano do ensino médio, lançando a proposição “Diário de um Estudante”. A ideia era trabalhar na

⁴ Na época da realização da oficina, a equipe do Portal na cidade de Belo Horizonte era composta por seis integrantes. Atualmente, a equipe conta com quinze membros.

produção de um vídeo sobre a vida de estudante, tomando como base um material fotográfico que os/as estudantes teriam que produzir sobre o seu cotidiano, para participar do “Festival Nacional Imagens EMdiálogo” desenvolvido pelo Portal. Para tanto, cada turma precisou escolher dois representantes para participarem das atividades práticas relacionadas à experiência técnica com fotografia, produção textual e audiovisual. Em seguida, com a presença de 16 jovens escolhidos, as atividades práticas desenvolveram-se em quatro encontros, totalizando uma carga horária de 16h. O detalhamento dessa proposta metodológica de trabalho é descrito a seguir.

2.2. Primeira etapa da metodologia: A Visão Global

A primeira etapa é chamada de “Visão global” e consiste na apresentação de referências seguras e inspiradoras que provoquem a sensibilização inicial dos participantes da oficina. O material é parcialmente predeterminado pelo corpo docente e deve fazer sentido para as discussões posteriores. Dizemos parcialmente porque neste momento é comum trabalharmos com a utilização da navegação hipertextual que depende da fruição individual ou do grupo. A apresentação de textos e vídeos é sempre permeada por momentos de problematização e discussão. Esta etapa é importante para refletirmos, por exemplo, sobre como histórias pessoais em diferentes contextos podem ter pontos comuns com as vidas dos estudantes participantes da nossa oficina.

No nosso caso, trabalhamos no laboratório de informática da escola, utilizando como referência inicial algumas publicações do Portal, que abordavam produções relacionadas à vida de estudante, tema do festival de vídeos. Isso porque no Portal existe uma curadoria e um tratamento das informações que garantem publicações confiáveis e com conteúdo de qualidade. É preciso ainda considerar que na contemporaneidade, os jovens são verdadeiros nativos digitais, ou ciborgues (Sales, 2010), uma geração altamente conectada com as tecnologias digitais. Nesse sentido, entendemos que o Portal e as atividades no laboratório de informática da escola podem favorecer a adesão dos jovens à realização das atividades propostas, à medida que convergem com as práticas ciberculturais tão presentes no cotidiano juvenil.

Assim, após uma dinâmica de ambientação entre os participantes, iniciamos uma roda de conversa sobre o tema “Minha vida de estudante” em que procuramos dialogar sobre como é a rotina dos jovens que participavam da oficina; os aspectos positivos e negativos e os problemas relativos a esse cotidiano. Como referência para a discussão, utilizamos o vídeo “O Paradoxo da espera do ônibus”, uma animação que dá voz aos pensamentos de um jovem, enquanto ele espera por um ônibus na madrugada de uma cidade grande. Apresentamos, também, o texto “Diário de Bárbara Pina”, que conta o dia-a-dia de uma jovem paulistana, estudante e operadora de telemarketing, e que foi publicado em uma revista de circulação nacional. Assistimos ainda aos vídeos do projeto “Um em 8 milhões” do jornal New York Times e realizamos uma leitura coletiva do poema “O fotógrafo” de Manoel de Barros, com o objetivo de demonstrar a produção textual a partir do potencial narrativo da imagem⁵.

Os diferentes recursos foram utilizados a partir do entendimento que para lidar com jovens é preciso dinamizar os trabalhos, diversificar as metodologias e escutar efetivamente os jovens, suas demandas, angústias e anseios. Nesse âmbito, nos apoiamos na argumentação de Dayrell (2007) de que nas escolas é preciso valorizar as culturas juvenis, seus modos de ser, reconhecendo os jovens em suas especificidades, para além da dimensão restrita do estudante. Nessa etapa metodológica privilegamos, portanto, a escuta dos jovens, entendendo-os como interlocutores legítimos na cena escolar.

⁵ Todas essas referências estão publicadas como conteúdos das comunidades temáticas do Portal EMdiálogo.

Percebemos ainda em nossas experiências que os problemas e as soluções globais tendem a dialogar de forma orgânica com a realidade local. É justamente neste ponto que fazemos a conexão com a segunda etapa de nossa oficina.

2.3. Segunda etapa da metodologia: A Visão Local

O salto para o segundo momento se dá quando a discussão deixa o laboratório de informática, bem como as referências apresentadas pelo corpo docente, e avança para discussões trazidas pelos aprendizes e suas respectivas visões de mundo. Podemos denominar esta etapa de “Visão local”, na qual todos são convidados a observar seus contextos com um olhar antropológico. A sugestão foi de que os jovens realizassem uma pequena pesquisa, do seu próprio ambiente, inspirada na etnografia. A partir do entendimento que o etnógrafo dedica-se a “compreender os padrões culturais e as práticas das vidas diárias dos integrantes do grupo estudado” (Green; Dixon; Zaharlick, 2005, p. 28), estimulamos que os jovens conversassem com vizinhos, amigos, parentes. Além disso, orientamos que eles caminhassem pelas ruas do bairro para entender um pouco mais sobre a história e o contexto onde vivem. Outras práticas, como visitas às bibliotecas, museus e centros culturais também são bem vindas.

Partindo dessas observações, orientamos a produção de fotografias, as quais seriam utilizadas no encontro seguinte, a partir de algumas categorias que consideramos norteadoras para se pensar as narrativas sobre a vida de estudante, tais como:

- tempo: descrição da vivência do tempo, da sua rotina, dos seus horários, das atividades realizadas durante os seus diversos tempos;
- território: espaços e lugares frequentados; local onde reside e o seu entorno, trajetos que percorre e quais as formas e meios de locomoção.
- sociabilidade: pessoas com quem convivem, pessoas que encontram e situações vivenciadas no dia-a-dia, família, grupo de amigos, relações amorosas e o que gosta de fazer no tempo livre.

Neste momento é importante a mediação e um estudo prévio da realidade local, pois é comum a conversa fluir com exemplos pessoais e, diante da diversidade cultural do contexto escolar, é possível que questões de preconceito e discriminação aflorem principalmente no que se refere às questões de gênero, sexualidade, raça e etnia, drogas, violência, entre outros. Por este motivo, é fundamental que os mediadores das discussões estejam bem preparados e tenham conhecimento prévio, diretrizes consistentes e embasadas para lidar com esses temas. Neste caso, a diversidade de pontos de vista é produtiva, mesmo dos educadores, para minimizar o tom maniqueísta que algumas discussões tendem a tomar. O próprio EMdiálogo, em consonância com seu propósito de fomentar o diálogo sobre temas diretamente ligados às culturas juvenis, possui comunidades que se ocupam exatamente das questões relacionadas às discriminações e desigualdades culturais.

2.4. Terceira etapa da metodologia: O ritual da “chuva de ideias”

Após a etapa inicial de inspiração e sensibilização, por meio de referências, e da etapa posterior de discussões a partir da visão de mundo dos participantes, o terceiro momento se caracteriza pela produção e criação e podemos chamá-lo de “produção colaborativa”. Este processo se inicia com o ritual da “chuva de ideias”. A chuva de ideias é uma tradução livre do termo em inglês “*brainstorm*” que é uma técnica de criação colaborativa muito usada nas agências de comunicação e coletivos de artistas. Diante de um tema ou assunto comum, os participantes se reúnem em roda e a regra é que cada pessoa expresse em voz alta ideias livres sobre o tema escolhido. É importante dizer que as ideias não

precisam estar estruturadas. A intenção é que a comunicação e a expressão de cada um contribuam com o enunciado do todo, consolidando assim uma construção coletiva. Uma ou mais pessoas ficam responsáveis por sistematizar todo o processo.

Segundo o pensador Bakhtin (2011), a língua é um sistema vivo, mutável e o uso da linguagem está ligado a todos os campos da atividade humana. Ainda de acordo com o teórico, todo falante é também um respondente, e os limites da comunicação entre os sujeitos é definido pela alternância dos falantes, sendo que “cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados” (2011, p. 272). Já Canclini (2011) expõe como os processos de hibridação modificam os modos de existência em diversos aspectos da vida em sociedade, como: a identidade, cultura, diferença, desigualdade, multiculturalismo (2011, p. XVII).

Para Canclini, a questão principal são os processos de hibridação, que possibilitam as fusões, reconversões e ressignificações de sentido em estruturas e/ou práticas sociais. Existem “ciclos de hibridação” que podem variar segundo a época, os lugares e contextos, onde as transformações sociais e culturais passam por formas, às vezes mais heterogêneas e outras mais homogêneas, mas nunca uma forma “pura”, plenamente homogênea. Entretanto, o autor alerta para a questão de que hibridação não é sinônimo de “fusão sem contradições”. Os processos de hibridação podem ser mecanismos de exclusão, de geração de desigualdades e controle hegemônico, por outro lado, podem servir também para amenizar diferenças sociais e culturais. É importante uma consciência crítica ao se analisar suas fronteiras, e levar em conta o “que não deixa, ou não quer ou não pode ser hibridizado” (2011, p. XXVII).

Neste caso, entendemos que a metodologia da “chuva de ideias” cria um momento de intenso dialogismo e hibridização de ideias. Ao tentarmos oferecer um ambiente onde o discurso seja menos amarrado e tutelado, os aprendizes se sentem a vontade para se expressarem e ao mesmo tempo se sentem responsáveis pela cadeia discursiva. No entanto, para que isso aconteça se faz necessário enfatizar e lembrar que o acordo inicial de todo esse processo é de que a criação seja coletiva e colaborativa.

A partir daí, as ideias são sistematizadas e um planejamento geral do que vai ser realizado é acordado entre os grupos, por exemplo, a produção de um vídeo, de um ensaio fotográfico, de uma narrativa textual, de uma instalação artística. Em seguida, grupos menores são divididos de acordo com desejos, afinidades e aptidões técnicas. Nesta etapa do processo, é importante que os professores trabalhem como gestores de interações, conectando as ideias e iniciativas dos grupos e estimulando a troca de informações e a colaboração mútua. Desta forma, estudantes que possuem habilidades técnicas, como saber editar um vídeo ou criar um blog, por exemplo, podem compartilhar seus conhecimentos com os pares. Um texto, roteiro ou narrativa pode ser construído a quatro, seis ou oito mãos. O importante é que todos tenham consciência que o trabalho é coletivo e colaborativo, e que as capacidades individuais são somadas para potencializar o projeto final.

Após a visualização, socialização e seleção das produções fotográficas produzidas pelos estudantes, realizamos o ritual da “chuva de ideias” e a partir da avaliação do material produzido e das informações sistematizadas desenvolvemos, em grupo, a elaboração do roteiro para a narrativa “Minha Vida de Estudante”, a edição e o tratamento do material produzido. Vale ressaltar que os grupos decidiram pela produção de dois vídeos baseados na mistura dos depoimentos e imagens dos participantes da oficina.

O pressuposto da produção colaborativa guiou, portanto, esta etapa metodológica. A esse respeito, concordamos com Pretto (2010) de que é preciso pensar a educação em uma perspectiva colaborativa, segundo a qual o que deve ser priorizado são as interações, as trocas, a circulação dos

conhecimentos e o diálogo permanentes. Segundo o autor, “essa escola, repleta de processos criativos, com sua inserção no ciberespaço, afasta, na prática, a ideia de uma escola distribuidora de informações, verticalizadas e produzidas de forma centralizada, em que aos estudantes só resta a opção de consumir” (Preto, 2010, p. 315). Vejamos agora a última etapa metodológica do projeto Escola da Vez.

2.5. Quarta etapa da metodologia: A Retroalimentação

A quarta etapa de nossa metodologia se dá quando o projeto planejado e executado nas etapas anteriores está finalizado. É hora de publicar no Portal EMdiálogo e avaliar os processos de produção. Esta etapa pode ser chamada de “retroalimentação”. O termo retroalimentação se refere à capacidade de dar retorno (feedback) tanto para os estudantes, participantes da oficina, quanto para as redes externas à escola, no nosso caso, o Portal, que foi a fonte de referencial inicial do projeto. A pesquisadora Larsen-Freeman (1997, pág. 151) é categórica em afirmar a importância dos *feedbacks* positivos nos processos de aquisição de conhecimento. Segundo ela, todos os agentes envolvidos no processo são sensíveis aos retornos. À medida que os retornos são mediados, incentivados e distribuídos o sistema tende a se desenvolver como um todo.

Para o retorno aos estudantes participantes da oficina, uma roda de diálogo é organizada para levantarmos os pontos positivos e negativos da atividade. Neste momento, é hora de avaliarmos se a metodologia utilizada possibilitou de fato um intercâmbio de saberes e uma produção colaborativa. É hora de entendermos como se deram as relações de aquisição de aprendizagem e estratégias de ocupação e apropriação dos espaços da escola, como o laboratório de informática, biblioteca, bem como os espaços no entorno da escola. Como produto desse trabalho, foram produzidos dois vídeos: “O Tempo” e “Running”, os quais foram inscritos no “Festival Nacional Imagens EMdiálogo”.

O retorno ao Portal se deu por meio da publicação dos dois vídeos produzidos. No momento em que os estudantes publicam um material, seja ele vídeo, fotos ou texto no site, abre-se a possibilidade de diálogo com outros estudantes. As ferramentas do site permitem diversas formas de interação, como comentários em publicações, divulgação em outras ferramentas de rede social e criação de comunidades. É neste ponto que a discussão local, daquele pequeno grupo de estudantes, pode tomar um caráter global e contribuir como referência para outras produções em qualquer lugar do planeta.

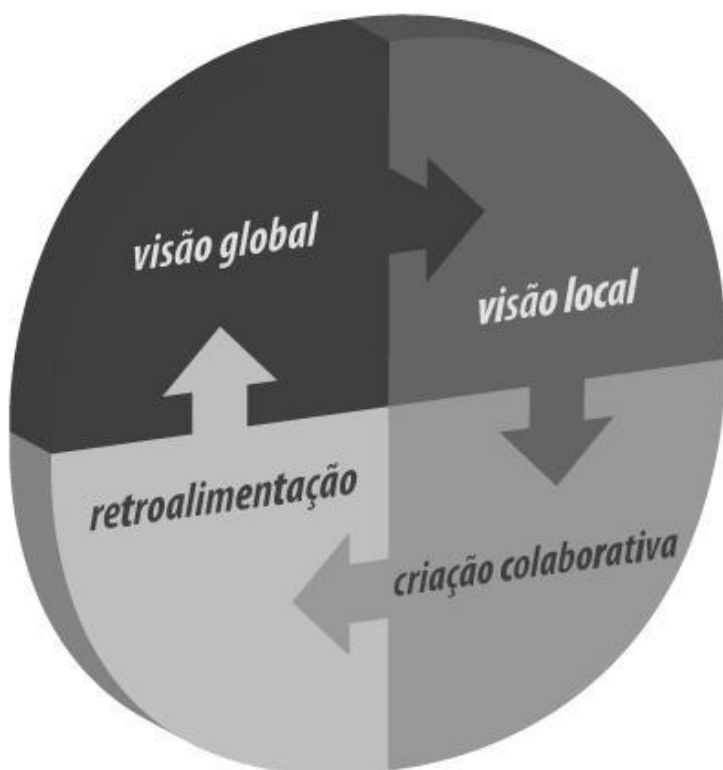


Fig. 01 – Esquema de representação das etapas da metodologia: visão global, visão local, criação colaborativa e retroalimentação.

3. Considerações Finais

A partir dessa experiência, podemos analisar alguns aspectos que avaliamos como positivos. Inicialmente, destacamos a forma adotada de seleção dos participantes da oficina. Deixamos para cada sala, das quatorze turmas visitadas, escolher de forma livre os estudantes que iriam participar da oficina. Notamos que o método de escolha variou de turma para turma, muito influenciado pela ação do professor que estava no momento da escolha. Em algumas turmas foi feito um sorteio entre os estudantes interessados, enquanto em outras houve uma pequena assembleia para discutir os critérios de quem iria participar. Consideramos que em ambas as seleções os professores possibilitaram uma autonomia aos estudantes, o que refletiu diretamente no interesse e no envolvimento com a proposta da oficina. No entanto, em algumas turmas, a escolha aconteceu de forma hierárquica, com o professor selecionando os alunos que deveriam participar da oficina de acordo com critério pessoal como, por exemplo, o estudante que estava com notas melhores ou quem o professor acreditava que iria se encaixar melhor na atividade.

A ocupação do laboratório de informática da escola é outro aspecto que gostaríamos de ressaltar. Isso porque até a realização da oficina os estudantes ainda não tinham utilizado aquele espaço. Com a nossa proposta, o laboratório de informática da escola foi intensamente ocupado por três dias.

Na primeira etapa da oficina, “visão global”, focamos na ambientação e sensibilização dos estudantes. Constatamos uma boa aceitação da proposta, sendo que a discussão contemplou temas

relevantes que envolvem diretamente a juventude, como, por exemplo, a questão da maternidade e paternidade, aspectos referentes ao mundo do trabalho, ao ambiente escolar, à sexualidade, à violência e às drogas. Ainda sobre essa etapa, como ponto positivo, também podemos realçar a escolha do texto “Diário de Bárbara Pina” que se mostrou de extrema conexão com o universo cultural dos jovens.

Na segunda etapa, “visão local”, foi solicitado que os estudantes fotografassem, com suas próprias câmeras, alguns momentos de suas rotinas. Os estudantes poderiam também descrever suas rotinas na forma de texto, poesia, diário ou outro gênero que lhes interessassem. Consideramos que obtivemos um retorno positivo, pois muitos estudantes trouxeram imagens e textos para a discussão. As imagens refletiam a rotina desses jovens como, por exemplo, a família, o quarto, o animal de estimação, as festas, os trajetos até a escola, os meios de transportes que utilizavam, os locais de afeto, como praças e cantinhos da escola. Alguns trouxeram partes de diários e textos escritos sobre suas rotinas.

Na terceira etapa, “produção colaborativa”, os estudantes se mostraram com capacidade de auto-organização na distribuição das tarefas e realização das atividades previstas. Muitos deles levaram seus próprios equipamentos, como notebooks e câmeras, e também levaram atividades para serem realizadas em casa. Notamos uma aversão inicial ao sistema operacional instalado no laboratório, o software livre Linux Educacional. Entretanto, esta aversão foi parcialmente desmontada à medida que o laboratório ia sendo ocupado, pois os estudantes se apropriavam das ferramentas livres para produzirem textos, navegarem na internet, editarem áudios e vídeos. Não aprofundaremos na discussão da rejeição e apropriação das ferramentas neste artigo, pois acreditamos que este possa ser um material rico para debate em outros textos.

Na quarta etapa de nossa metodologia, “retroalimentação”, nos ocupamos em propiciar diversas formas de retorno para os agentes envolvidos no processo. Dois vídeos foram finalizados com a ajuda dos educadores e foram inscritos no Festival. Um terceiro grupo não conseguiu finalizar o vídeo.

Os depoimentos dos participantes, na roda de avaliação, levam a considerar que a metodologia utilizada possibilitou a formação de encontros com a escola e com os colegas, novos grupos de trabalho se formaram entre turmas e séries diferentes, o que foi avaliado positivamente pelos jovens. A apropriação de espaços também foi citada como um fator positivo, já que nos dias de oficina, os olhares se voltaram para a escola e seu entorno, despertando em alguns estudantes uma visão desnaturalizada sobre seu contexto. A criação de narrativas, a partir das histórias de vida e visão de mundo dos estudantes também teve uma repercussão positiva. Muitos estudantes não conheciam particularidades da vida dos colegas, e, segundo eles, esta prática ajudou nos processos de compreensão do outro. Houve ainda aqueles/as que enfatizaram o desejo de continuidade da oficina; assim como a necessidade de estender a experiência aos demais colegas da escola.

É importante ressaltar que reflexões sobre os aspectos trabalhados pela equipe de formadores ocorreram durante todas as etapas da oficina, pois consideramos necessário e relevante que o processo e o percurso também sejam avaliados e, se necessário, revistos e reelaborados. Nossa intenção era avaliar e (re) pensar ações mais dialógicas e próximas ao contexto do qual os estudantes faziam parte.

Em relação ao Festival, gostaríamos de destacar que todos os estudantes receberam certificado de participação na oficina e os realizadores dos dois vídeos receberam certificação de participação do Festival, assim como a escola. Na premiação final, os dois vídeos inscritos foram agraciados com uma menção honrosa e a biblioteca da escola recebeu um kit de livros de literatura. Já para o Portal, o Festival teve como resultado cinquenta vídeos inscritos e exibidos, vindos de vinte e três cidades e quatro regiões brasileiras, somando dez Estados, trinta e uma escolas e mais de duzentos alunos e alunas envolvidos diretamente, além dos professores e professoras que contribuíram como mediadores

das produções. Alguns vídeos ultrapassaram a marca de cinco mil compartilhamentos e a navegação no Portal ultrapassou a marca de mil e seiscentos acessos/dia⁶. O que nos possibilita afirmar que o Festival ampliou o campo de ação do Portal, tornando-o mais conhecido para um número maior de estudantes e escolas do Brasil.

Nesse ano de 2013, considerando relevante o retorno aos jovens que participaram do Festival, voltamos na escola e promovemos uma sessão com os vídeos premiados pelo Festival e os dois vídeos produzidos pelos jovens da escola. Promovemos um “cine-debate”, como denominamos, com o objetivo de dialogar com esses jovens sobre quais foram suas motivações, suas experiências, suas perspectivas depois da realização dos vídeos e suas impressões sobre os vídeos premiados pelo Festival. Consideramos que o retorno dessa atividade foi positivo, sendo que a pedido da própria escola realizamos um número maior de exibição dos vídeos do que o inicialmente proposto e muitos jovens procuraram nossa equipe demonstrando interesse em participar das próximas edições do Festival.

Por fim, o que podemos perceber é que a metodologia utilizada nos possibilitou um processo de aproximação e conhecimento desses jovens que foram considerados sujeitos e atores nesse processo. É possível afirmar que o trabalho desenvolvido, em linhas gerais, promoveu a interação entre os participantes e entre estes e as tecnologias, se apropriando do contexto em que estão inseridos, interpretando e produzindo percepções e sentidos de mundo a partir das suas próprias experiências.

Não podemos afirmar que os processos descritos neste artigo possam ser replicados em todos os contextos, mesmo porque, tínhamos uma equipe de seis educadores para um grupo de apenas dezesseis estudantes. Porém, acreditamos que nossa metodologia, proposta em uma oficina de produção audiovisual, possa servir de inspiração para outras práticas de multiletramentos em ambiente escolar. O Projeto Escola da Vez sinaliza alguns indícios de como é possível potencializar o diálogo, numa proposta pedagógica, com as múltiplas juventudes que ocupam o ambiente escolar, promovendo a efetiva participação e o envolvimento desses jovens.

Bibliografia

Bakhtin, M. (2011) *Estética da Criação Verbal* (6° ed.) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes

EMdiálogo, P. www.emdialogo.uff.br. Acessado em 12 de agosto de 2013, de www.emdialogo.uff.br

Canclini, N. G. (2011) *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade* (4° ed. 5° Reimp.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. (Ensaio Latino-americanos).

Dayrell, J. T. (2007) *A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. Educação & Sociedade, Campinas, n. 100, v. 28, p. 1.105-28.

GNL The New London Group (1996) *A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures*. Acessado em 10 de agosto de 2013, de: www.static.kern.org/filer/blogWrite44ManilaWebsite/paul/articles/A_Pedagogy_of_Multiliteracies_Designing_Social_Futures.htm

Green, J. L.; Dixon, C. N.; Zaharlick, A. (2005) *A etnografia como uma lógica de investigação*. Educação em Revista. Belo Horizonte, n. 42, p. 13-79.

⁶ Fonte: <www.emdialogo.uff.br> Acesso em: 12 Ago. 2013.

Larsen-Freeman, D. (1997) *Chaos I Complexity Science and Second Language Acquisition*. Acessado em 10 de agosto de 2013, de http://xa.yimg.com/kq/groups/13328543/711110716/name/1997_larsen-freeman.pdf

Lima, R. P. [Org.] (2006) *Mídias Comunitárias, Juventude e Cidadania* – Belo Horizonte: Autêntica/Associação Imagem Comunitária.

Preto, N. (2010) *Redes colaborativas, ética hacker e educação*. Educação em Revista. Belo Horizonte. v. 26, n. 03. p. 305-316.

EMdiálogo, P. (2013) *Relatório Portal Emdiálogo Segundo Semestre 2012*. Belo Horizonte: Portal Emdiálogo, 2013. 29 p.

Rojo, R. Moura, E. [Org.] (2012) *Multiletramentos na Escola* – São Paulo: Parábola Editorial. 264p.

Sales, S. R. (2010) *Orkut.com.escol@:currículos e ciborguização juvenil*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação/UFMG.